

Dólar dispara e real já acumula perda de 28,75%

Somente ontem, a cotação da moeda norte-americana bateu em R\$ 1,70, uma alta de 6,92%.

CLEIDE SÁNCHEZ RODRIGUEZ
e SERGIO LAMUCCI

Acotação do dólar disparou ontem. No espaço de apenas seis horas, o preço da moeda norte-americana pulou de R\$ 1,59 para R\$ 1,76 nos negócios realizados no mercado de dólar comercial. No fechamento, a moeda era cotada a R\$ 1,70, resultando numa alta de 6,92%. Desde que mudou a política cambial brasileira, no dia 13 – primeiro com o alargamento do intervalo da banda cambial, substituída dois dias depois pelo câmbio livre –, o real acumula uma queda de 28,75%, enquanto a valorização do dólar é de 40,36%.

O dia de ontem mais uma vez foi de extrema tensão. No fim da manhã, o dólar já era negociado a R\$ 1,69, mas foi no meio da tarde que atingiu o pico de R\$ 1,76. A alta se alastrou para os outros mercados. A bolsa chegou a registrar queda de 7,27%, fechando em baixa de 4,60%.

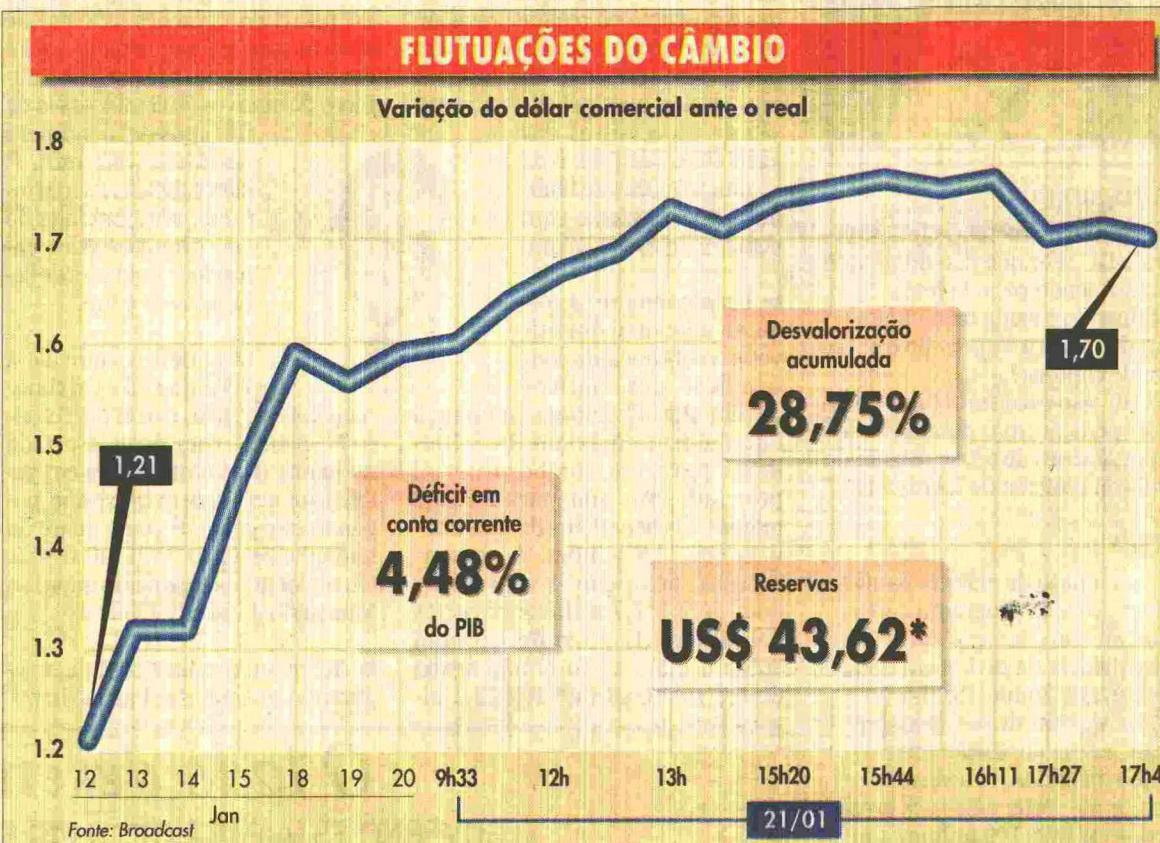
O dólar flutuante chegou a ser cotado a R\$ 1,80, mas sem negócios. No paralelo, a moeda também foi vendida por esse valor e fe-

chou a R\$ 1,75. Num ambiente de nervosismo, os boatos prosperaram. Circularam rumores sobre a suposta saída do ministro da Fazenda, Pedro Malan, e sobre uma eventual elevação mais forte dos juros pelo Banco Central hoje.

Alguns operadores notaram ainda a repercussão negativa das declarações do ex-ministro Celso Furtado, apostando que o Brasil será forçado a declarar moratória da dívida externa. Os comentários do megainvestidor George Soros, condenando a recente alta dos juros no Brasil e os “maus conselhos do FMI”, também contribuíram para piorar o humor do mercado. A tão esperada aprovação pelos deputados da MP que aumenta a contribuição dos servidores ativos e a estende aos inativos, na quarta-feira à noite, não teve nenhum efeito positivo sobre os investidores.

A explicação de operadores para tanta turbulência é simples: demanda superior à oferta de moeda. Bancos que estavam abastecendo o mercado de dólares, com bastante parcimônia, teriam interrompido a venda da moeda, pressionando para cima a sua cotação. Não há um consenso sobre o volume de estoque de dólares

existente no mercado. Mas estima-se que no último leilão de venda realizado pelo Banco Central, quando ainda operava no sistema de bandas cambiais, os bancos te-



riam adquirido algo entre US\$ 5 bilhões e US\$ 6 bilhões.

O estoque teria baixado US\$ 1,1 bilhão, valor que corresponde às saídas de recursos do País desde o dia 13. De acordo com operadores, as instituições estariam segurando a venda dos dólares, diante da redução dos estoques, por precaução, já que não existe mais a figura do BC para abastecê-las, ou por especulação, para pressionar o preço da moeda. Assim, poderiam desvalorizar os dólares restantes mais à frente, a preços mais altos.

Operadores notaram movimen-

tos especulativos de compras de moeda liderado por bancos com dólares em caixa para induzir a uma alta artificial também para vendê-los mais na frente. Outros analistas rechaçaram essa hipótese, porque seria muito caro especular no momento, já que as oscilações do dólar estão acentuadas.

Duas importantes remessas de recursos para o exterior, da Petrobras e da Embraer, feitas para honrar emissões que estão vencendo, teriam contribuído para deixar o mercado ainda mais “seco”. Com as saídas de divisas superando as

entradas, o preço do dólar ainda não encontrou o seu equilíbrio. A alta de ontem estimulou os exportadores a fechar contratos de câmbio, fazendo com que o saldo das opera-

ções para exportações atingisse US\$ 240 milhões até as 20h10, o maior volume registrado no mês. No entanto, as saídas financeiras ficaram em US\$ 659 milhões até esse horário, um número

muito elevado. O fluxo cambial estava negativo em US\$ 190 milhões até esse horário.

Avaliações – O economista Affonso Celso Pastore, ex-presidente do BC, assegura, no mais recente relatório distribuído para seus clientes, sobre a volatilidade (forte oscilação da taxa de câmbio): “Dificilmente poderíamos imaginar uma perda de controle da desvalorização a exemplo do que ocorreu no México ou Tailândia.” A volatilidade vai continuar elevada, de acordo com ele, porque responde a um movimento irregular da demanda por moeda e pode ser acentuada pelo “overshooting” – disparada da cotação para cima ou para baixo. Mas o Brasil tem alguns pontos a seu favor, que impediram o risco de uma desvalorização selvagem.

Primeiro, destaca o economista, o volume das reservas. O Brasil migrou para o câmbio livre com reservas líquidas em torno de US\$ 30 bilhões, sem considerar a disponibilidade de caixa provocada pelos recursos do Fundo Monetário Interna-

tional. México e Tailândia estavam a zero quando desvalorizaram suas moedas, diz.

Em segundo lugar, porque na mudança do regime cambial as taxas domésticas de juros ainda estavam extremamente ele-

vadas (em torno dos 29% ao ano), o que impede uma forte depreciação cambial e limita a magnitude da depreciação possível. (Colaborou AE).



DÓLAR
CHEGOU A
SER COTADO
A R\$ 1,80

CRÍTICAS
SERVIRAM PARA
AMPLIAR
TURBULÊNCIAS